

A Viragem dos Anos 60 e 70 e o Reconhecimento de Novas Atitudes

"Systems Thinking" na Linguagem da Arquitetura

GONÇALO FURTADO

Os anos 60 e 70 constituíram um período de viragem que reconheceu o usuário-indivíduo e as circularidades do tempo e da impermanência. Este desafio "pós-moderno" coincidiu e beneficiou de vários advenços, encontrando-se entre eles o chamado "Systems Thinking". As notas breves que se seguem aludem para o contexto no qual o foco sistêmico surge na linguagem da Arquitetura e alguns dos protagonistas envolvidos. Começamos por recordar que um complexo desenvolvimento, naquilo que à Arquitetura diz respeito, ocorreu durante a Modernidade. A antologia *"Textos de la Modernidad"* providencia uma sequência histórica recheada de eventos

arquitetónicos significativos, enfatizando que a Modernidade engloba um longo período histórico.¹ A antologia de Montaner, *"Arquitectura y Critica"*, por exemplo, descreve a série de desenvolvimentos em termos de teoria e crítica arquitectónica.² O Movimento Arquitectónico Moderno viu-se a si próprio como engendrado num processo civilizacional. Motorizou-se por uma lógica interna de positivismo racionalista e um impulso utópico, que, suportado pelo progresso científico e tecnológico industrial, acreditou que a sua arquitectura ajudaria a obter uma sociedade melhor e mais equitativa. Como sumariam Henket e Heynen: "[T]he modern movement advocated an approach that would keep pace with technological developments, do justice to the needs of the rising masses and convey an image of universality. [...] This architecture was bound up with a utopian impulse, in that its promoters firmly believed that the creation of a better architecture would automatically lead to a better society".³ O Movimento Moderno viria a deter um papel operativo na reconstrução Europeia do pós-guerra, enquanto, paralelamente, emergia uma sequência de expressões ligadas ao seu próprio e interno sentido de crise. Em certa medida, o que teve lugar durante esta história pode ser associado com uma contínua problematização do propósito da Arquitetura e seu papel-performance na sociedade. O livro de Goldhagen e Legault, *"Anxious Modernism: Experiments in Postwar Architectural Culture"*, elucida a existência de uma complexidade intrínseca e o processo de evolução da arquitectura moderna.⁴ Expõe que a arquitectura moderna era internamente multifacetada, e teve uma evolução dinâmica que ocorreu interactivamente com a sociedade, segundo parâmetros de ordem social, cultural e político. (O meu ídolo, Cedric Price, por exemplo, é aqui identificado como pertencendo a uma linha moderna de "críticos" radicais.) Outro autor, Dominique Rouillard, em *"Superarchitecture: Le Future de l'Architecture 1950-70"*, descreve três correntes expressivas que tomou a crise da arquitectura moderna no período de 1950-1970.⁵ Primeiro menciona os Team X, constituídos em 1951; que foram abandonados por uma "nova utopia" chamada Megastructuralismo; a qual foi sucedida pela Radical Architecture formada a meios dos anos 60, em que o anterior optimismo tecnológico pensado em termos de "progresso ou felicidade" deu



Foto: AT GF

Smithsons, Economist Building, 1954

¹ Pere Pereu, Josep Montaner and Jordi Oliveras (eds.), *Textos de Arquitectura de la Modernidad*, Hondarribia: Editorial Nerea, 1999.

² Josep Maria Montaner, *Arquitectura i Critica*, Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

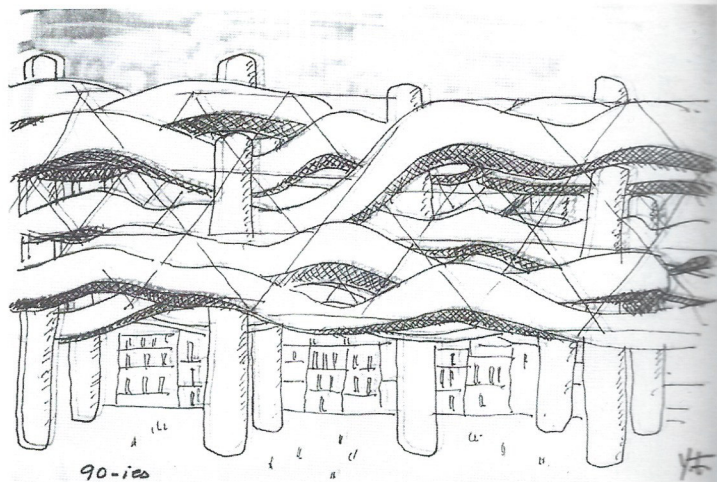
³ Veja-se: "Back from Utopia" de Hubert-Jan Henket e Hilde Heynen ("Boek bespreking"; disponível por exemplo em: http://web.bk.tudelf.nl/scripts/b_nieuws/beschrijving.asp?nr=377&nr_b_nieuws=%205&jaargang=2002-2003&nr_rubriek=3, acedido em 1-1-2007.)

Hubert-Jan Henket and Hilde Heynen, *Back from Utopia: The Challenge of the Modern Movement*, Rotterdam: 010 Publishers, 2002.

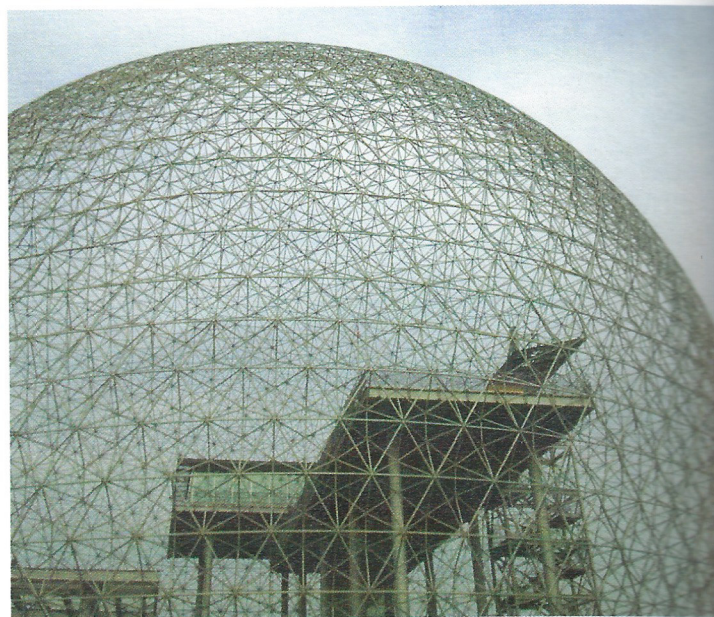
⁴ Réjean Legault and Sarah Goldhagen (eds.), *Anxious Modernisms: Experimentation in Postwar Architectural Culture*, Cambridge- MA: MIT.Press e CCA, 2001.

⁵ Dominique Rouillard, *Superarchitecture: Le Future de l' Architecture 1950-70*, Paris: Ed. de la Villette, 2004.

(à direita) Yona Friedman, Sketch, ca.1990s
 (à direita em baixo) Buckminster Fuller, US Pavilion na Expo 1967 e 1972
 (em baixo) British High-tech, ca.2005



lugar ao “revelar a realidade”.⁶ Price ocupa um lugar especial em tal evolução. Segundo o obituário de Price por Rouillard: “A la réponse systémique, en terme de structure, et bientôt de méga structure apportée par la génération du Team X, Cedric Price oppose l’échelle de l’individu, estimant qu’il est plus facile de permettre la flexibilité individuelle que le changement organize.”⁷ (Adicionalmente, recordo que a recente exposição e publicação do MoMA intitulada “*The Changing of the Avant-garde*” - que de resto incluiu alguns desenhos de Price e sobre a qual eu dei notícia nesta revista – expõe toda esta evolução, compreendendo momentos desde a era megastructural até ao salto pós-moderno. Como Reiley referiu, estas foram as fontes da Arquitectura actual.⁸ “The shift in architectural thinking in the 1970s [...] reined in the singularly focused ambitions of the heroic modern period, allowing the emergence of various vectors of architectural development, from historicism to deconstruction to digital architecture.”⁹) Refira-se que a constatação de que a superação da imposição da arquitectura e planeamento moderno requeriria um reconhecimento dos



⁶ Ibid.

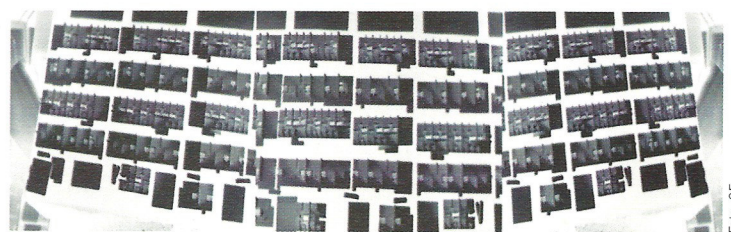
⁷ Dominique Rouillard, “Cedric Price: Disparition d’un Architecte qui Voulant Mettre la Technique au Service des Delices et Uncertitudes de la Vie”, em: A.M.C., N.137, Outubro 2003, pp.31-32.

⁸ Riley stated: “It [the collection] provides us with a rare and comprehensive view of a significant moment in history and also with fundamental documentation of the root sources of our architecture today.” Terence Riley, Introduction, in: Terence Riley (ed.), *The Changing of the Avant-Garde: Visionary Architectural Drawings from the Howard Gilman Collection*, New York: MoMA, 2002, p.14

⁹ Terence Riley, cit. em: W.A., “MoMa Exhibits Drawings Marking Historic Moment”; disponível em: Times New Weekly.com, 17-10-2002 (acedido em 12-2-2004).



Gordon Pask, *Uma Introdução à Cibernética*, 1970.



Gonçalo Furtado, *Maquete Favos*, 2002

usuários e uma representação das dinâmicas do tempo, reporta para alguns no debate do pós-guerra. E neste sentido, o artigo notável de Ewan Branda's sobre o tema, intitulado "Programming the Utopia of the Present", mencionou que, reconhecendo a relevância dos aspectos temporais, e reflectindo o systems thinking, os métodos e as notações desenvolvidos pela investigação operacional militar da guerra, várias práticas do pós-guerra de finais dos anos 50 e anos 60, permitiram lidar com a incerteza-indeterminação. Notavelmente, o recorrido de Branda's abre com a crítica dos Smithson e Team X ao planeamento top-down dos CIAM, e inclui uma alusão para o papel relevante performatizado posteriormente por Price e Friedman.¹⁰

(Atenda-se e enfatize-se que o aludido salto pós-moderno, que sucede a

crise e evolução modernista, deve obviamente ser entendido em termos filosófico-conceptuais; Relacionado com uma sensibilidade a-hierárquica e um pensamento não linear, mais do que meramente associado com a mais conhecida e então promovida estética historicista.) Neste contexto, por exemplo, a edição de Hal Foster providencia uma discussão multidisciplinar sobre o salto pós-moderno incluindo textos de proveniências diversas.¹¹ No que se refere à Arquitectura, uma panorâmica da "Architectural Culture 1943-1968" é providenciada pela antologia de Joan Ockman¹², enquanto o período subsequente de teoria arquitectónica é bem coberto por "Architecture Theory since 1963" de Hays.¹³ Por último, a tarefa de "Theorizing a New Agenda for Architectural Theory" é visionada pela antologia de Nesbitt, centrada no período de 1965-1995.¹⁴

Os anos 60 e 70 possuíram uma atmosfera muito particular que é desvelada atendendo às revistas, eventos, e papel dos protagonistas *avantgarde*. Neste sentido, recordamos a secção "Cosmorama" da *Architectural Design* (1960s-70s), o número prospectivo de 1967 editado por McHale sob o título *Architectural Design* "2000+"¹⁵, e os números da *Archigram* da qual uma colecção completa (1961-1974) exista no Centre George Pompidou. Recentemente, uma exposição retrospectiva sobre os anos 60 decorreu no Centre George Pompidou¹⁶, e um número da *Architectural Design* foi editado sob o título "The 1970s is Here and Now" focando a década seguinte.¹⁷ Muitos protagonistas continuam vivos e incluso activos, e eventuais conversas com indivíduos como Green e Webb dos Archigram ou Friedman do GEAM, revelam possuir especial significado no que se refere ao entendimento do período segundo perspectivas na primeira pessoa.¹⁸ A Era esteve marcada

¹⁰ Ewan Branda, "Programming The Utopia of the Present" (Paper, UCLA Department of Architecture, 2003), disponível em: <http://www.modernarchitecture.net> (<http://www.modernarchitecture.net/ewan/archives/2004/04/programmingthe.html> / <http://www.modernarchitecture.net/ewan/work/coursework/ProgrammingUtopiaOfPresent.pdf>), acedido em: 10-2-2005.

¹¹ Veja-se: Hal Foster (ed.), *La Posmodernidad*, Barcelona: Editorial Kairós, 1985 (1983). Complementarmente, refira-se que a antologia do Neil de textos filosóficos relacionados com Arquitectura providencia uma base para "Rethinking Architecture" segundo um foco de "Critical Studies". Neil Leach (ed.), *Rethinking Architecture: Reader in Cultural Theory*, London: Routledge, 1997.

¹² Joan Ockman, *Architecture Culture 1943-1968: A Documentary Anthology*, New York: Rizzoli International Publications, 1993.

¹³ K. Michael Hays (ed.), *Architecture Theory Since 1968*, Cambridge-MA: The MIT Press, 1998.

¹⁴ Kate Nesbitt (ed.), *Theorizing a New Agenda for Architectural Theory, 1965-95*, New York: Princeton Architectural Press, 1996 (2nd edition).

¹⁵ John McHale (ed.), *Architectural Design* ("2000+"), V.37, February 1967.

¹⁶ Um significativo recorrido dos anos 60s foi providenciado por um evento-exposição organizado pelo Centre George Pompidou sobre o comissariado de Catherine Gremer, entre 15 de Março a 18 de Junho de 2001. Veja-se: *Les Années Pop* (Catalogue), Paris: Centre George Pompidou, 2001.

¹⁷ Samantha Hardingham (ed.), *Architectural Design* ("The 1970s is Here and Now"), V.75, N.2, 2005.

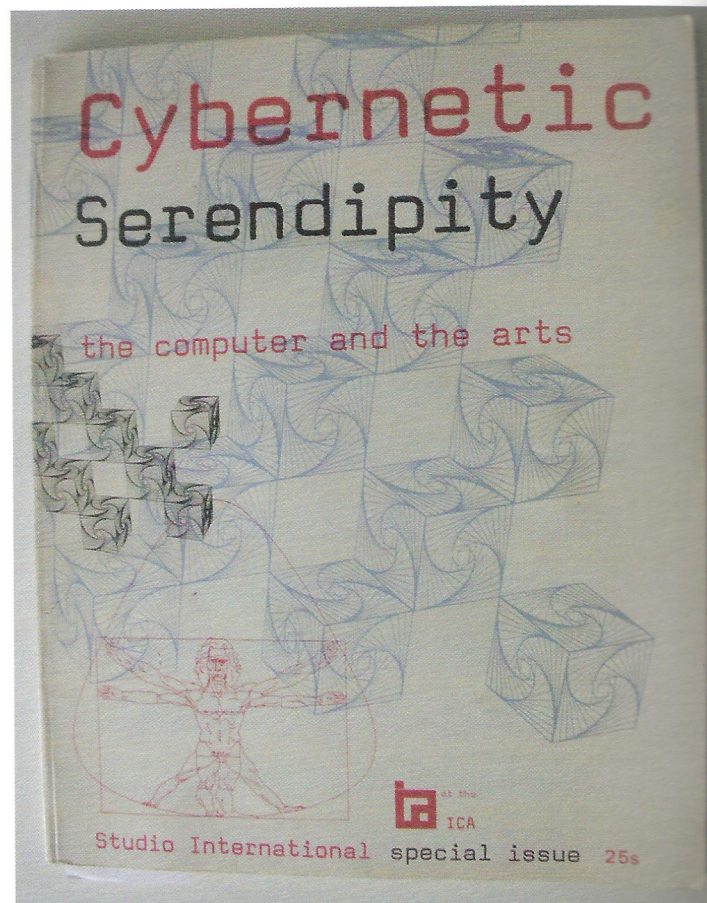
¹⁸ Neste sentido, veja-se por exemplo o seguinte material.

David Green, Entrevista com o autor, 2004.

Michael Webb, Entrevista com o autor, 2004.

Yona Friedman, Entrevista com o autor, 2004.

por um desejo de flexibilidade, optimismo tecnológico, e intervenção social.¹⁹ Estes desejos marcam o que ficou conhecido como movimento “megastructural” – um movimento discutido em profundidade e largamente promovido por Banham num extenso livro dos anos 1970s²⁰ –, e que persistirão em muitas práticas. Neste momento seria de referir que, em grande sentido, o desejo de flexibilidade pela arquitectura e o seu optimismo tecnológico, o reconhecimento do usuário e do tempo, e a antecipação do subsequente salto pós-moderno, coincidiu com os potenciais benefícios advindos da aplicação da *systems research* e computação desde os anos 60 em diante para afrontar tal desafio. E neste sentido, o papel de alguns protagonistas menos conhecidos foi central. De facto, a atitude projectual do maverik inglês Cedric Price esteve caracterizada pelas referidas preocupações. Também se constata que, a meio dos anos 60, John Frazer – então um estudante de arquitectura – tinha já contacto com o trabalho de Price e do cibernético Gordon Pask. (Os iniciais relacionamentos de Pask com a Arquitectura estiveram ligados a um dos primeiros projectos de Price – o Fun Palace – tal como ao seu envolvimento com o meio da escola de arquitectura AA. Ele tinha-se, no entanto, já envolvido em experiências de foro artístico como o “Musicolour.”). Se Price, e eventualmente Frazer, possam ser conhecidos por um estrito grupo de pessoas do nosso contexto, Pask é largamente desconhecido. Apesar de não ser arquitecto, trata-se de uma personalidade que reincidentemente actuou no mundo arquitectural – e que deve ser merecidamente visto como um dos maiores contribuintes para o desenvolvimento de linguagens arquitecturais sistémicas e comunicações evolutivas. Na introdução do texto de John Frazer intitulado “The Architectural Relevance of Cybernetics” (de resto uma homenagem a Pask), o autor sumaria o relacionamento da arquitectura com as áreas da cibernética e investigação em sistemas, explicitando pois: “Architectural thinking in the sixties was preoccupied with issues of flexibility, impermanence, prefabrication, computers, robotics, and a global approach to energy, resources and culture. The implied systems thinking in architecture inevitably came to embrace cybernetics and cybernetics inevitably came to embrace Gordon Pask.”²¹ ■



Jasja Reichardt, *Cybernetic Serendipity*, 1968



“Puma climbout TYE”, ca.2005

Gonçalo Furtado é licenciado pela FAUP-Porto, Mestre pela UPC-Barcelona e Doutoramento pela UCL-Londres. Professor Auxiliar na FAUP. Este breve texto é baseado na investigação de Doutoramento desenvolvida na U.C.L. enquanto bolseiro da FCT.

¹⁹ Relativamente ao último aspecto, recorde-se que a existência de histórias arquitectónicas precedentes que atribuem um papel particular à tecnologia, inclui a de Gideon Mechanization Takes Command ou Banham Design in the First Machine Age. Neste sentido veja-se o seguinte material: Reyner Banham, *Theory and Design in the First Machine Age*, London: Architectural Press, 1960. Siegfried Giedion, *Mechanization Takes Command*, Cidade: W.W. Norton & Co Inc, 1969. – Um foco rigoroso na presença do conceito de flexibilidade no discurso arquitectónico foi mais recentemente providenciado pelo Forty; e o Jonathan por seu lado discute e expande-o. Neste sentido veja-se o seguinte material: Adrian Forty, *Words and Buildings*, London: Thames and Hudson, 2000, pp.142-148. Jonathan Hill, *The Use of Architects*, em: *Urban Studies*, V.38, N.2, London, 2001, pp.351-365. ²⁰ Reyner Banham, *Megastructure: Urban Futures of the Recent Past*, London: Thames and Hudson, 1976. ²¹ John Frazer, “The Architectural Relevance of Cybernetics”, em: Ranulph Glanville (ed.), *Systems Research*, V.10, N.3, 1993, pp.43-48.